

MAYOMBE: A DESSACRALIZAÇÃO DE UM HERÓI¹²

Denise de Paula Veras

Este texto foca-se na obra de literatura africana **Mayombe**, produção de Pepetela e tem como intenção apontar nesse romance a dessacralização do herói angolano. Escrito entre 1970 e 1971, período em que Pepetela participava ativamente da guerra pela libertação de seu país, e publicado posteriormente, em 1980, **Mayombe** aborda momentos políticos e históricos da história de Angola. Nessa obra localizamos traços identitários dos indivíduos enquanto homens e enquanto guerrilheiros, da guerrilha e dos ideais dos combatentes. É uma narrativa que aborda profundamente a organização dos guerrilheiros que participavam da frente de combate do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), apontando as incertezas, inseguranças, medos, contradições e ideias do Movimento. As personagens da ficção lutam no interior da floresta tropical que dá nome à obra, localizada em Cabinda, e lá entram em confronto com as tropas dos colonos, mas também com uma série de questões culturais e sociais. Observa-se todo o esforço dos combatentes em suplantar as diferenças e tribalismos em busca do objetivo comum: uma Angola unificada e livre. Segundo o próprio autor, o romance começou a ser escrito como um comunicado de guerra que, em seguida, transformou-se no romance em virtude do caráter jornalístico que tinha assumido o comunicado. Para Carmen Lúcia Tindó Ribeiro Secco (2003, p.38) “Mayombe, floresta úmida, cheia de lama fecunda, é metáfora do útero de Angola parindo a Revolução”. Sobre a independência de Angola, Vladimír Otrisal (2008) afirma:

A mudança que teve a maior importância e influiu a Angola contemporânea de maneira decisiva é, de certeza absoluta, a independização do país a qual não foi importante só por destruir o sistema colonial dos portugueses e acabar com a duradoura presença destes como colonos e governadores onipotentes, mas principalmente por constituir um passo histórico que permitiu e garantiu que a futura evolução do país em todos os campos — político, económico, social e cultural — estivesse nas mãos dos angolanos. Para eles, sendo uma nação por nascer, a luta por uma causa como esta ofereceu a possibilidade singular de expressar-se e actuar como um povo unido apesar de este estar em via de formação.

.....

12 Trabalho apresentado à disciplina Literaturas Afro-Caribenhas, do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

A apresentação do contexto histórico na narrativa de Pepetela, através da alegoria busca refletir sobre a própria Angola, assim sua escrita literária que, em vários momentos, é considerada quase que um relato histórico apropria-se das personagens para construir a história do país e, assim, provocar a reflexão nacional, mas sem patriotismo. A representação do real mescla-se à ficcionalidade ou, conforme Mia Couto (2005) “a ficção é uma mentira que não mente”. Para refletir sobre o país recém independente Pepetela faz uso da estratégia de entretecer o discurso literário correlacionando ficção e história.

Na mesma época em que o romance foi escrito movimentos guerrilhavam pela libertação nacional de Angola, combatiam o colonialismo português. Isso aconteceu na década de 60, estendendo-se até meados da década de 70. A independência foi conquistada em 10 de novembro de 1975. Em 1884-1885, numa conferência em Berlim, a África foi a partilhada por interesses europeus, não levando em consideração identidade ou tradição tribal. Nessa partilha tribos aliadas foram separadas e tribos inimigas unidas, o que gerou sérios problemas e rixas tribais dentro das colônias, colocando em confronto etnias diversas dentro do continente. Sobre as questões tribais Milagre reflete:

Os intelectuais têm a mania de que somos nós, os camponeses, os tribalistas. Mas eles também o são. O problema é que há tribalismo e tribalismo. Há o tribalismo justo, porque se defende a tribo que merece. E há o tribalismo injusto, quando se quer impor a tribo que não merece ter direitos. (PEPETELA, 1993, p. 28)

Mayombe apresenta severas críticas ao MPLA, apontando questões internas como corrupção, racismo, machismo, o que propiciou o surgimento de uma série de empecilhos quanto à publicação do livro. Foram necessárias muitas palestras por parte do autor sobre a citada obra. **Mayombe** figura como um testemunho de que o Movimento Pela Libertação de Angola não era perfeito.

[...] vamos aproveitar para ver este caso dos cem escudos. Isto é grave, pois pode desmentir tudo o que dissemos. Quer dizer que, afinal, somos mesmo bandidos, que roubamos o povo. O sacana que ficou com o dinheiro é um contrarevolucionário, além de ser um ladrão barato, pois sabotou toda a boa impressão que podíamos ter causado aos trabalhadores. (PEPETELA, 1993, p.23)

Dando continuidade à estruturação épica cujo início se deu em **As aventuras de Ngunga**, obra do mesmo autor escrita à mesma época de **Mayombe**, porém publicada antes, a narrativa em questão celebra-se o esforço do povo pela libertação de Angola, em busca da vitória contra o colonialismo.

As aventuras de Ngunga trata da vida de um jovem órfão, um garoto de treze anos que, após ter perdido os pais, assassinados pelos colonialistas, começa numa vida de andanças. Perambulando, sempre sozinho, o garoto se vê em contato com a alma humana e traça, para ele mesmo, uma linha invisível que separa os adultos das crianças (VERAS, 2013, p.2)

A narrativa gira em torno do protagonista Sem Medo, o Comandante do grupo que segue liderando seu pequeno contingente floresta adentro lidando com dificuldades tais como a falta de mantimentos e até questões de ordem cultural como racismo, preconceito e tribalismo.

Eu quereria que na guerra a disciplina fosse estabelecida em função do homem e não do objetivo político. Os meus guerreiros não são um grupo de homens manejados para destruir o inimigo, mas um conjunto de seres diferentes, individuais, cada um com as suas razões subjetivas de lutar e que, aliás, se comportam como tal. (PEPETELA, 1993, p.157)

Para Georg Luckás (2000) na sociedade atual a narrativa épica foi substituída pelo romance, pois que as condições do mundo contemporâneo não permitem a construção de uma epopeia com representação de heróis e conquistas dos povos. O romance moderno pauta-se na relação do homem com o mundo e com as problemáticas com o rodeia. “Enquanto o herói épico é essencialmente objetivo como representação de um povo, o romanesco é subjetivo e singular, em constante tentativa de reconciliação com o mundo e consigo mesmo.” (Klauck, 20--?).

Uma das formas de concepção de mundo geradas pelo romance enquanto gênero é a apresentação de um novo tipo de herói, aquele que desafia a ordem estabelecida, o que rompe as barreiras impostas pela sociedade. O herói romântico é um rebelde que atua contra as leis e os limites sociais, tudo por ideais, valores e amor, por aquilo que lhe é caro, verdadeiro e sincero.

Os combatentes do MPLA figuram como heróis no imaginário popular, todavia o que Pepetela nos mostra são heróis em conflito, com traços de ambivalência que nos permite relacionar ao momento vivido pela Nação angolana.

Os romances de Pepetela rompem a sacralidade da narrativa-historiográfica, desfazendo seu caráter sublime e, por isso, intocável, através de desdobramentos que se abrem a novas formas de leituras de um mesmo evento, algumas delas, por sinal, inconciliáveis. (DUTRA, 2007, p.15-16)

Em sua escrita Pepetela demonstra o processo de transformação dos heróis da luta pela independência, essas figuras tornam-se heróis às avessas e até mesmo vilões de sua própria nação, nação pela qual deveriam lutar, passando a ter comportamentos mesquinhos e egoístas, em prol de seus próprios interesses, dilacerando por completo os sonhos de uma Angola unificada, livre e igualitária.

[...] a indisciplina que reina lá fora leva à indisciplina aqui. Os exemplos de fora, do exterior, dos refugiados fardados de militantes, vêm influenciar os combatentes, enfraquecer-lhes o moral. Isto não sucederia se a Região funcionasse bem. Vê o Ingratidão! Combatente no Norte de 61 até 65. Combatente em Cabinda desde essa data. Há dez anos que combate o inimigo. Tem pouca formação política? Certamente. Mas a culpa não é dele. Quem a tem? Ele vê os exemplos que vêm de cima. A culpa também não é tua. Tu tomas este fato como uma ofensa pessoal, porque és o Comissário, o responsável pela formação política. Não podes fazer mais do que fazes para convencer o Ingratidão que o povo de Cabinda é como o do resto de Angola. Ingratidão também não pode ser convencido só por palavras. Só a prática o levará a essa constatação. Não é justo fuzilar um combatente com dez anos de luta, quando outros criminosos ficam indenados, embora o seu crime teoricamente mereça esse castigo. (PEPETELA, 1993, p.39)

Pepetela reescreve de maneira crítica a História de Angola com denúncias que versam sobre a diluição dos contornos épicos dos heróis angolanos. Em algum momento, quando do acender do fogo das ideias nacionalistas, esses heróis foram pensados e idealizados, contudo, no decorrer da história, tais traços sacros começaram a romper-se, restando apenas a humanidade dos combatentes.

Sem Medo, o comandante do grupo, repetidas vezes enfatiza a importância da conquista da confiança do povo e, para tanto, era preciso manter o ideal aceso, sem corrupções ou manchas que pudessem marcar negativamente o movimento perante os olhos do povo.

Quando do episódio do sumiço do dinheiro dos trabalhadores Sem Medo, apesar da resistência e do sentimento de humilhação dos colegas, insiste na revista

dos combatentes buscando encontrar uma solução ao problema que poderia contaminar o restante do grupo e corromper as ações do grupo, enodoando a imagem do Movimento e fazendo-o perder o já fraco apoio popular que possuíam.

Chega! – gritou Sem Medo. – O erro dum responsável não justifica um roubo, um roubo de merda de cem paus, dum miserável sabotador. Vamos passar revista. As guerras não se ganham com demagogias, só para se ter apoio das bases! (PEPETELA, 1993, p.24)

Os romances de Pepetela apresentam-nos também a costumes dos povos angolanos. Um destes costumes é a narrativa oral. A oralidade há muito tempo teve forte presença nas comunidades angolanas, tal como circunscrito e apropriado por Pepetela em **Mayombe**. Esse aspecto sedimenta o terreno de construção do texto literário angolano como resultado da escrita com a tradicional oralidade das tribos. O texto angolano herda, pois, a força da palavra falada.

Como actos de cultura e especificamente de criação, as narrativas de expressão oral são formas literárias transmitidas pelo sistema verbal oral. Esta característica de criação verbal concede a estas formas literárias uma natureza peculiar que deve ser o ponto de partida para o seu estudo. Pensamos ser esta a base fundamental, a partir da qual se sistematiza toda a diferenciação entre a criação literária escrita e a oral. (ROSÁRIO, 1989, p.45)

O colonialismo aparece como uma possibilidade compartilhada entre as nações africanas. As consequências da dominação colonial permitiram o surgimento de uma tradição histórico cultural que gera a solidariedade em rede. De acordo com Perrone-Moisés (1990 *apud* CAMPOS, 20--?), sobre determinado chão cultural (discursivo) podem ocorrer confluências, coincidências de tema e de soluções formais que nada têm a ver com as influências, mas com a existência de certas condições literárias e determinado momento histórico.

Dessa maneira, as literaturas africanas desempenharam um papel fundamental no combate de resistência e luta independência. Ajudaram a projetar uma nação protagonizando também uma guerra política, moral e ideológica.

A não aceitação, negação ao servilismo constituiu a base para a libertação de Angola e, conseqüentemente, da criação da identidade do “ser angolano”. Para a construção dessa identidade a primeira negação foi a do colonizador.

Nas palavras de SILVA (2013, p. 74) “A identidade assim concebida parece ser uma positividade (“aquilo que sou”), uma característica independente, um “fato” autônomo. Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é auto-contida e auto-suficiente.”

A identidade só existe através de oposições. Neste sentido o “eu” só existe em função da negação do “outro”, essa diferença entre ambos passa a se cristalizar no processo de construção da identidade. O primeiro passo para as personagens dessa ficção tornarem-se “angolanas” foi estabelecer diferenças entre eles e os colonos, que são o “outro”. O processo de criar pontos em comum entre esses indivíduos fez com que brotassem neles o sentimento de unidade, o pertencimento.

As referências culturais angolanas permitem estabelecer o sentimento de pertencimento entre os indivíduos. É isso que as personagens dessa ficção tem em comum. Embora carreguem diferenças distintas entre si e até mesmo existindo rixas entre as tribos todos eles possuem o mesmo desejo de libertação, a não aceitação da colonização.

Examinar a trajetória do herói clássico implica dialogar com as características que essa figura assume na contemporaneidade, distanciando-se dos ideais utópicos de integridade, honestidade e perfeição, revelando, assim, as mazelas dos novos tempos.

Em **Mayombe** podemos captar traços de dessacralização dos heróis dos movimentos de libertação nacional, entretanto observamos ainda que as diferenças raciais, sociais e culturais podem ser superadas se forem trabalhadas em favor de um ideal comum.

Pepetela apresenta, nesse romance, uma proposta de reconstrução identitária das comunidades angolanas através do viés socialista da revolução. A obra literária trabalhada não só resgata, mas cria uma identidade cultural através de heróis fictícios que retratam aos angolanos um ideal de nação a ser buscado, todavia esses heróis já não carregam consigo os caracteres dos heróis clássicos, eles são imperfeitos, tocáveis e atingíveis, como um ser humano normal.

O caráter falível e desprovido de sacramentos ideais não impede, no entanto, que esses combatentes desistam da edificação de uma nova nação com valores próprios.

REFERÊNCIAS

COUTO, Mia. **Pensatempos**: textos de opinião. Lisboa: Caminho, 2003. (Nosso Mundo). ISBN: 9789722116879.

DUTRA, Robson Lacerda. **Pepetela e a elipse do herói**. 2007. 210 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

KLAUCK, Ana Paula. **A Teoria do Romance de Georg Lukács**: uma reflexão sobre o herói de Os Ratos, de Dyonélio Machado. Disponível em: < https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CC0QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.palpitar.com.br%2Fdownload.php%3Ffile%3DA%2520teoria%2520do%2520romance.pdf&ei=84_2UvfQEsG-sQSI8YGoBg&usg=AFQjC-NgnGBxPkktZwt1ZL4WZLeZSCFiTKg&sig2=IEdMOfZoQVXoT2U4CO1mDQ>. Acesso em: 06 fev. 2014.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. Presença: Lisboa, 2000.

OTRÍSAL, Vladimír. **Tribalismo e formação da Nação Angolana em Mayombe de Pepetela**. S.l: Masarykova Univerzita, 2008.

PEPETELA. **Mayombe**. 5. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1993. 171 p.

ROSÁRIO, Lourenço Joaquim da Costa. **A Narrativa Africana de expressão oral**: transcrita em português. Luanda: Angolê, 1989. 358 p. (Diálogo: convergência).

SECCO, Carmen Lúcia Tindó Ribeiro. **A magia das letras africanas**. Rio de Janeiro: ABE Graph Editora/Barroso Produções Editoriais, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. Cap. 2, p. 73-102.

VERAS, Denise de Paula; LOPES, Sebastião Alves Teixeira. Tradição e identidade n'As aventuras de Ngunga. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA, 4., 2013, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: Edufu, 2013. p. 1 - 8. Disponível em: <<http://www.ileel2.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2013/2520.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2014.